

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
IR AO CINEMA EM 1974
15 e 23 de abril de 2024

CÉLINE ET JULIE VONT EN BATEAU / 1974

um filme de Jacques Rivette

Realização: Jacques Rivette / **Argumento:** Jacques Rivette, Eduardo de Gregorio, Juliet Berto, Dominique Labourier, Bulle Ogier, Marie-France Pisier / **Fotografia:** Jacques Renard / **Som:** Paul Laine / **Montagem:** Nicole Lubtchansky / **Música:** Jean-Marie Sénia / **Intérpretes:** Juliet Berto (Céline), Dominique Labourier (Julie), Bulle Ogier (Camille), Marie-France Pisier (Sophie), Barbet Schroeder (Olivier), Philippe Clévenot (Guibou), Nathalie Aznar (Madlyn), Jean Douchet (M'sieur Dédé).

Produção: Action Films, Les Films du Losange, Les Films 7, Les Films Christian Fechner, Renn Productions, Saga, Simar, V.M. Productions / **Cópia:** dcp, colorido, versão original em francês, com legendas em inglês e legendado eletronicamente em português, 193 minutos / Inédito comercialmente em Portugal.

Da primeira fase da sua obra, **Céline et Julie Vont en Bateau** pode considerar-se o mais legível dos filmes de Rivette, numa história que mistura golpes de teatro rocambolescos à maneira dos primitivos filmes de episódios de Louis Feuillade, os gags de Max Linder e os melodramas de mistério. Céline e Julie "vão de barco" à deriva pelos primitivos tempos do cinema. E Rivette, ao leme, não tem por preocupação a análise ou reflexão sobre esse cinema. Como toda a deriva não tem um fim em si, limita-se ao prazer de contemplar e, sempre que possível, participar, rever, voltar ao princípio num percurso circular. A legenda que repetidamente surge e que divide os sucessivos episódios ("Mais le lendemain matin...") serve mais para sublinhar essa circularidade do que para fazer progredir a acção, se assim se pode chamar a esta intrincada rede de referências.

Céline et Julie Vont en Bateau concretamente o que representa? É um filme fantástico? De suspense? Uma farsa? Um melodrama? Possivelmente é tudo isso e coisa nenhuma, como Gérard Frot-Coutaz dizia em Cinema 74. Será, antes de mais, um jogo de ilusões e, portanto, de magia. O encontro e as aventuras de Céline e Julie têm a magia como ponto de partida e de desenvolvimento. É a profissão de Céline e a evasão de Julie, e é, também, a estrutura do argumento e da realização de Rivette. Julie lê o seu livro de magia e traça símbolos na areia do jardim. O olhar divaga pelos ramos das árvores, e um gato surge em pose de caçador. O gato é também um animal conotado com a magia, e no filme de Rivette ele vai surgir sempre nos momentos em que se passa de um mundo para o outro, na soleira da entrada para a casa assombrada onde se materializam os fantasmas de Julie. Céline surge a correr e, como o Coelho Branco de Alice vai servir de guia a Julie para entrar no reino das maravilhas, embora neste caso a comparação com **Through the Looking Glass** esteja mais correcta. Porque as nossas heroínas mais do que entrarem num reino de maravilhas, passam para o outro lado do espelho, numa referência claramente cinematográfica. O que acontece na casa assombrada é uma outra história, como que um filme cujo

projector são os caramelos mágicos. E, como filme, é aqui que se manifesta a busca de Rivette da natureza primitiva do cinema, com o seu ambiente fantástico e as incessantes repetições (a mão ferida de Bulle Ogier). E representa também a outra faceta do cinema de Rivette: a encenação sofisticada, a ênfase na representação, o domínio do teatral, que se vai afirmando cada vez mais na sua obra futura (**Hurlevent, La Bande des Quatre**): Marie France Pisier e Barbet Schroeder são os personagens "do outro lado do espelho", e a duplicidade de Céline e Julie, como espectadores e participantes representa simultaneamente o estado do espectador e o seu desejo de participação. Em termos fílmicos, Rivette materializa essa sempre latente identificação do espectador com a personagem.

Digamos, pois, que mais do que um filme, **Céline et Julie Vont en Bateau** representa um desejo de cinema, uma participação que não se limita ao acto de criar, o que será dito de outra forma pela **Purple Rose of Cairo** de Woody Allen. E esse desejo é também manifestado pela diferença de estilos entre o que vê e o que é visto, entre o filme e o "filme" no filme. Ao estilo sofisticado do segundo opõe-se uma ligeireza, a verdadeira deriva "en bateau" de Céline e Julie. Há uma sensação de leveza, de imponderabilidade nesta narrativa "primeira" (para a distinguir da que se passa no interior da casa) que dá ao seu "realismo" a autêntica dimensão mágica. Onde está o reino das maravilhas? Deste ou do outro lado do espelho? Está, no fim de contas, no próprio cinema que é capaz de tornar fantástica a imagem real, e dar um suporte realista a uma história fantástica.

Este espontaneísmo narrativo da história em exteriores, representa a outra faceta do cinema de Rivette, a que vem de **Paris Nous Appartient** e encontramos ainda em **Le Pont du Nord**, e que tem vindo a atenuar-se de filme para filme, em detrimento da sua oposta. Digamos, por isso, que **Céline et Julie Vont en Bateau** é o filme chave de Rivette, aquele em que as duas tendências se encontram em equilíbrio perfeito.

Manuel Cintra Ferreira